

CONSTRUÇÃO, APROPRIAÇÃO E USOS DA IMAGEM DE CAROLINA MARIA DE JESUS A PARTIR DO JORNAL ÚLTIMA HORA (1960-1964)

Construction, appropriation, and uses of the image of Carolina Maria de Jesus from the newspaper Última Hora (1960-1964)

Jackson Luiz Fernandes Adelino¹

<https://orcid.org/0009-0005-9026-8020> 

Raoni Borges Barbosa²

<http://orcid.org/0000-0002-2437-3149> 

¹Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN, Brasil. 59610-210 – ppgcish@uern.br.

²Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, RN, Brasil. 59.625-900 – ppgats@ufersa.edu.br.

Resumo: O seguinte artigo, com uma abordagem sócio-histórica, analisa, através do jornal Última Hora, como a imagem da escritora Carolina Maria de Jesus foi construída, apropriada e usada tanto por ela quanto pelo periódico citado. Utilizando conceitos como o de imagens de controle, de Patricia Hill Collins, e outridade, de bell hooks, e sob a lente interseccional de ambas, é percebido que há dois processos entre os anos de 1960 e 1964. Em primeiro lugar, Carolina é retratada somente como uma pessoa pouco instruída e que não pertencia ao local que ocupava, demarcada pelos estigmas impostos. Depois, ela adquire um caráter de autoridade sobre a temática da favela e da miséria, e isso é apropriado por ela para ganhar mais espaço no periódico; por outro lado, o jornal utiliza-a como meio de difundir sua filiação ideológica com a popularidade e concordância da autora. Assim, é possível compreender que a formação e utilização da personalidade da escritora acabou favorecendo ambos, até determinado ponto.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; construção de identidade; interseccionalidade; estigma.

Abstract: The following article, with a socio-historical approach, analyzes, through the newspaper Última Hora, how the image of writer Carolina Maria de Jesus was constructed, appropriated, and used both by her and by the aforementioned newspaper. Using concepts such as Patricia Hill Collins' images of control and bell hooks' otherness, and through the intersectional lens of both, it is clear that there were two processes between 1960 and 1964. First, Carolina was portrayed only as an uneducated person who did not belong where she was, marked by the stigmas imposed on her. Later, she acquires a character of authority on the theme of the favela and poverty, and this is appropriated by her to gain more space in the newspaper; on the other hand, the newspaper uses her as a means of spreading its ideological affiliation with the popularity and agreement of the author. Thus, it is possible to understand that the formation and use of the writer's personality ended up favoring both to a certain extent.

Keywords: Carolina Maria de Jesus; identity construction; intersectionality; stigma.

Introdução

No dia 2 de junho de 2025, a escola de samba Unidos da Tijuca¹ noticiou a data para a entrega da sinopse e explanação do enredo de 2026 com o tema: “Carolina Maria de Jesus”. No dia seguinte, como prometido, eles divulgaram as prévias da apresentação em um evento na Cidade do Samba, no Rio de Janeiro, além de fotos da atriz Cyda Moreno, uma série de publicações com vídeos, fotos e frases sobre a autora ou de sua autoria. Dentre as descrições utilizadas, observa-se a constante exaltação da figura da autora, que é colocada como uma mulher preta de força e coragem, representando um Brasil que foi apagado da história. Essa construção da identidade de Carolina demonstra que a forma como ela é vista na atualidade tem uma conotação positiva. No entanto, é necessário pensar: mesmo com o seu sucesso com *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), ela foi retratada da mesma forma?

Na edição mais recente da obra da autora, lançada pela Ática em 2020, é apresentado aos leitores uma coletânea de artigos escritos sobre *Quarto de Despejo*, que vai de 1962 até 2020. É perceptível que os enfoques dados são bem distintos a depender da época. No artigo de Alberto Moravia (1962), por exemplo, é perceptível o destaque dado ao “exotismo” atribuído à escritora, além de compará-la a uma pícara, de vida repetitiva e voltada à necessidade:

A favela é um lugar de degradação, promiscuidade e ignorância. Por isso, é ainda mais extraordinário que ali tenha brotado a flor improvável e pura deste Quarto de despejo, diário de Carolina Maria de Jesus, ela mesma favelada, de pele negra, mãe sem marido de três filhos, catadora de profissão (Moravia, 2020, p. 182).

Quase duas décadas depois, Carlos Vogt (1983) enfatiza em seu estudo “A fome e a pobreza na obra de Carolina de Jesus”:

[...] Quarto de despejo apresenta a pobreza como a materialidade e a concreção de um objeto físico e não como a provação da carne para a redenção do espírito. Menos ainda, a pobreza é nesse livro a manifestação de estados psicológicos contraditórios, como é comum encontrar nas representações da vocação da classe média e da burguesia para um certo sentimento de culpa, muitas vezes pronunciado em termos de despojamento material e moral.

Assim, a pobreza em Quarto de despejo não é de modo algum exemplar, no sentido de que não é uma construção simbólica com fins didáticos, mas um estado social de carência efetiva contra o qual só se pode lutar nos termos próprios das limitações dos meios que esse estado propicia (Vogt, 2020, p.195).

Percebendo esses limites acerca da análise do livro, tem sido cada vez mais frequente, na contemporaneidade, uma análise mais aprofundada sobre os processos de escrita de Carolina de Jesus e seu posicionamento diante do papel enquanto escritora.

¹ A página do *Instagram* da escola está disponível sob o usuário @gresutijuca.

Artigos como o de Perpétua (2014), que analisa os sentidos que Carolina atribuía à sua função como escritora e quais artifícios ela utilizava para se posicionar como tal, e o de Miranda (2020), que insere a escrita caroliniana num cenário mais amplo de intelectualidade de mulheres negras para pensar o Brasil do século XX, tornam-se exemplos das discussões mais atuais acerca da importância da obra da autora:

Pelo fluxo de pensamento sempre vivo no diário, acompanhamos Carolina em seu constante caminhar na cidade, e também acompanhamos seus sonhos e utopias, sua busca existencial, a teimosia de ser e de criar, os arranjos materiais necessários à vida, a luta de cada dia, a criatividade. O acento lírico é constante e atravessa todo o texto, revelando não apenas o cotidiano narrado em primeira pessoa de uma mulher negra que olhava o céu e se imaginava tecendo um vestido azul para cobrir-se, mas também o gesto reflexivo de um sujeito que estava sempre pensando: esta sim, a grande ação repetitiva do texto. “Fiquei pensando”, junto do “acordei e fui buscar água” são duas frases recorrentes do começo ao fim, porque compõem a fibra do seu dia a dia (Miranda, 2020, p. 249-250).

Com isso, pensando na historicidade e nas mudanças que a percepção sobre a obra de Carolina sofreu ao longo de seis décadas, o principal objetivo deste artigo é a compreensão de como o jornal *Última Hora* colaborou na construção de uma imagem sobre a autora-personagem de *Quarto de Despejo* (1960), Carolina Maria de Jesus. Os outros objetivos específicos concentraram-se em entender os sentidos atribuídos à personagem Carolina, em interpretar como ela (ator e agente social) lidou com essa construção imagética, e, por fim, em como o jornal e a escritora, enquanto instâncias actanciais interessadas (Goffman, 2010) se utilizaram dessa identidade para seus interesses.

A construção do presente artigo se dá principalmente através da leitura e análise de matérias, reportagens e notas publicadas no periódico *Última Hora*, de modo que durante o período de pré-publicação do seu livro, nesse jornal, há apenas uma referência à autora.

Como a imagem de Carolina de Jesus e de sua obra continuam como objeto de disputa após a publicação, são analisadas críticas literárias da obra e outras publicações que não necessariamente se relacionam com o livro para perceber como esse veículo de informação do período utilizou as falas e os escritos de Carolina de Jesus para criar seu perfil. Dessa forma, utiliza-se um recorte temporal de 1960 a 1964 para a seleção de materiais – todos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional –, sendo úteis para entender como se deram essas apropriações.

Para ajudar na análise, recorre-se a uma bibliografia que nos ajude a compreender a elaboração midiática de uma fachada pública de uma personagem marginal a partir do seu local de produção, sua raça e gênero. Dessa forma, utilizamos a abordagem interseccional, proposta e descrita por Collins (2019), sobre as formas de controlar mulheres negras através da construção de imagens. Sobre noções de sujeito e construção imagética midiática, dialogamos com os escritos de Morin (2014) e bell hooks (2020). Morin analisa como as imagens são formas de criar ou recriar o Duplo, enquanto bell hooks discute sobre a forma como essa autocriação do sujeito por parte das mulheres negras foi

negada em diversos momentos, e que essa elaboração, ao se tratar de mulheres negras, parte da marcação da diferença, ou seja, Outridade.

Ainda sobre construção imagética, o conceito de “enquadramento”, proposto por Judith Butler (2015), também foi utilizado para compreendermos como a agência midiática construiu a imagem de Carolina de Jesus em um espaço limitado dentro do mercado literário. Ainda, cabe ressaltar a breve reflexão sobre estigma a partir da Antropologia das Emoções e Moralidades de Barbosa (2015).

Produção de imagens estigmatizantes a partir da outridade de Carolina Maria de Jesus

A percepção do social e da cultura é também construída pelos meios de comunicação, suas formas e interesses. Nesse sentido, desde a popularização (e não criação) dos tipos móveis e da imprensa na transição da Idade Média para a Idade Moderna, os impressos são meios de construção da realidade: eles foram amplamente utilizados para promover governos e para organizar manifestações contrárias ao mesmo governo. Embora os historiadores tenham demorado a utilizar a imprensa para construir a narrativa histórica, hoje em dia, há um grande uso desta para entendermos o passado por várias perspectivas. Assim, a presente discussão visa compreender, através do jornal *Última Hora*, como a imagem pública da escritora Carolina Maria de Jesus foi construída, apropriada e utilizada, e como isso pode nos ajudar a entender o Brasil entre os anos de 1960 e 1964, que experimentava um período democrático após o Estado Novo, passando por duas tentativas de golpe de Estado antes de Juscelino Kubitschek assumir, e que, então, viveria um breve momento parlamentarista antes de entrar no regime ditatorial por 21 anos.

A escolha do periódico citado possui motivações técnicas e práticas. O material está disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, fornecida pela Fundação Biblioteca Nacional, permitindo a consulta através de palavras-chave. Como o foco da discussão restringe-se à autora de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), foi utilizando o filtro “Carolina Maria de Jesus”, de modo que tal periódico possuía 94 referências, critério utilizado para sua seleção, visto que possui maior quantidade de material consultável. No entanto, é preciso definir os cuidados necessários ao lidar com essa tipologia de fonte. Sobre isso, Luca (2008) fez o levantamento acerca das problemáticas que os historiadores, ao longo das décadas, lidaram com os periódicos:

Ao comentar os procedimentos críticos demandados pelos jornais, Glénisson ponderou que estes se revestiam de “complexidade desanimadora. Sempre será difícil sabermos que influências ocultas exerciam-se num momento dado sobre um órgão de informação, qual o papel desempenhado, por exemplo, pela distribuição da publicidade, qual a pressão exercida pelo governo”. Ele endossou as palavras do historiador Pierre Renouvin, que insistia na importância crucial de se inquirir a respeito das fontes de informação de uma dada publicação, sua tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros, aspectos que continuavam negligenciados seja pelos



historiadores que recorriam à imprensa, seja pelos que se dedicavam a escrever sua História (Luca, 2008, p. 116).

Dessa forma, faz-se necessário refletir sobre a posição que o editorial ocupava nesse contexto brasileiro. O jornal *Última Hora* teve sua primeira circulação em 1951, fundado por Samuel Wainer durante o primeiro governo democraticamente eleito de Getúlio Vargas. O periódico atuou como grande divulgador das obras de Vargas, apoiou fortemente o governo de Kubitschek e defendeu a política externa de Jânio Quadros, que reaproximou o Brasil dos países socialistas. Após a renúncia do presidente, em 1961, apoiou a posse de João Goulart em meio à expectativa de golpe militar e permaneceu ao lado do presidente em 1963 e 1964 com as reformas de base até a culminação do golpe militar (Lemos, 2009). O jornal também foi inovador ao trazer a divisão em dois cadernos de oito páginas, sendo o primeiro “destinado a assuntos relacionados à política e à economia, e o segundo estava reservado a esportes, entretenimentos e reivindicações populares” (Arquivo Público de São Paulo, 2016). Buscava-se trazer, segundo o próprio fundador, notícias que não eram tão relevantes para a imprensa tradicional, conseguindo leitores entre a população comum e a elite carioca. Iniciado no Rio de Janeiro, o periódico começou a circular em São Paulo em 1952 e manteve o título nas filiais de Curitiba, Porto Alegre, Niterói, Belo Horizonte e Recife. Wainer precisou se exilar na França, em 1964, voltando ao editorial em 1967, mas vendendo-o em 1987 para a Construtora Metropolitana.

Mapeando essa breve trajetória sobre o jornal, é possível associá-la com as representações que encontramos sobre Carolina de Jesus em suas páginas de 1960 a 1964. Apesar de inicialmente tratarem mais sobre a sua estreia literária, aos poucos, a Carolina de Jesus passa a ser chamada para opinar sobre a política e sobre a situação das pessoas na favela. No entanto, até chegarmos nessas narrativas, é importante entendermos como ela foi retratada anteriormente no jornal para que houvesse a possibilidade dessa escritora acessar esse espaço de enunciação e se tornar uma figura de “autoridade” sobre o assunto.

Antes da publicação do livro, alguns periódicos, incluindo o *Última Hora*, divulgaram sobre a obra, em 1960. Em 9 de maio, em nota, o jornalista Egidio Squeff anuncia, com o título “Uma escritora desce à favela”:

Carolina Maria de Jesus é uma preta semi-analfabeta, nascida e criada em extrema pobreza, que desce de uma favela para invadir o mundo sofisticado das letras. [...] Dela se pode dizer que apenas aprendeu a fazer garatujas. Não passou do segundo ano primário, numa escola espírita da cidade de Sacramento. [...] Tem no barraco um montão de cadernos redigidos no dia a dia, depois do trabalho esfalfante e humilde. Com três filhos, nunca lhes pôde dar uma refeição decente (Squeff, 1960, p. 7).

Embora seja uma descrição de como era a vivência e história da autora, essa forma de descrição estigmatizante foi amplamente utilizada pelos meios de comunicação, como o *Jornal do Brasil*, ou a revista *O Cruzeiro*. Em uma das tardes de autógrafos de seu livro na Livraria Francisco Alves, a autora sofreu um boicote, segundo o jornal, dos outros



literatos, contando com a presença somente de Fernando Goes e Maria de Lourdes Teixeira. O *Última Hora* também organizou uma ida dos moradores da favela do Canindé à tarde de autógrafos, que contou com a presença do Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio de Kubitschek, João Batista Ramos, que, num ato paternalista, prometeu que o governo iria financiar uma casa para a autora. Nessa tarde com mais de 600 autógrafos, a reportagem ainda destaca que “a mensagem humana que ele [*Quarto de despejo*] encerra surtiu seus efeitos ontem, quando senhoras procuravam, na livraria, moradores da favela, mostrando-se interessadas em minorar seus sofrimentos” (Escritores boicotam..., 1960, p. 8).

Apesar de todas as informações, destaca-se o título da reportagem: “Escritores boicotam mas Carolina (favelada) autografou 600 livros!”. A ênfase no estigma de favelada se repete ao longo do ano de 1960, praticamente transformando-se em parte do nome da escritora. Na coluna “Ora, bolas”, escrito por Arapuã, uma nota destaca o sucesso que o livro estava fazendo, pois “ao ler o livro, parecem estar lendo sua própria biografia” (Arapuã, 1960, p. 2), mas a referência à autora não foi pelo seu nome somente, e sim à “favelada Carolina Maria de Jesus”.

Outra descrição presente em algumas críticas ao livro é sobre ela e sua escrita. Em 24 de setembro, na coluna sobre literatura escrita por Ricardo Ramos, ele avalia que o livro é muito necessário, pois traz a realidade das pessoas da favela, mas destaca Carolina de Jesus como “quase sempre faminta, humilhada negra catadora de papéis [...]” (Ramos, 1960, p. 6) e que sua escrita, apesar de “sempre forte”, é também tosca, com o material “desordenado, [...] ingênuo, outras repisado e acessório” (Ramos, 1960, p. 6). Além disso, ele inicia e encerra sua avaliação destacando que o livro não vai muito além de um depoimento, uma confissão ou uma entrevista à uma pessoa que mora na favela. O mesmo tipo de comentário acerca da escrita aparece em um recorte de uma crônica² de Antonio D’Elia, em que ele diferencia a Carolina de Jesus das outras escritoras do período:

A diferença entre d. Carolina Maria de Jesus e muita escritora que anda por aí é que a autora de “Quarto de Despejo” tem o que dizer mas não sabe gramática, e as outras sabem gramática mas não têm o que dizer. Todas, porém – uma porque tem o que dizer e as outras porque têm o curso ginásial – não hesitam em se proclamar escritoras (D’Elia, 1960, p. 8).

A discussão sobre o estigma passa por uma breve reflexão sobre o papel da vergonha no jogo social. Como pontua Barbosa (2015):

Uma vez definida a Vergonha como emoção central de uma sociabilidade dada, que aponta para a natureza processual e tensa de uma configuração social ou espaço interacional, se pode, aqui, desenvolver a ideia de um gradiente que regula a intensidade desta emoção a variar com o nível de tensão entre os indivíduos situados nos jogos comunicacionais de trocas materiais e simbólicas. Isto significa que a vergonha pode oscilar do mais corriqueiro e ordinário embaraço, como postula Goffman (2010; 2012), e

² O texto integral da crônica não foi localizado.

tomar a forma de constrangimento, vergonha, humilhação e estigma (Goffman, 1988). Scheff, de forma didática e almejando uma maior precisão conceitual em relação aos trabalhos de Goffman, afirma que: “A vergonha pode ser considerada como a emoção central porque contém em si mais funções que outras emoções. Primeiro, a vergonha é um componente-chave da consciência, o sentido moral: ela sinaliza a transgressão moral, mesmo sem pensamentos ou palavras. A vergonha é nosso giroscópio moral”. (Scheff, 2013a, p. 23). Não bastasse a definição de vergonha cotidiana como o giroscópio moral que aponta para a normalidade das práticas sociais e do fluxo de comportamentos de uma lógica societária, Scheff pontua a existência de uma gradiente que regula esta emoção polarizado-a em vergonha cotidiana e vergonha desgraça, ou seja: “[...] como uma nomeação classificatória para uma grande família de emoções e sentimentos que surgem através da visão autonegativa, mesmo que apenas por aqueles sentimentos pouco negativos, pelos olhos dos outros, ou que apenas antecipam tal reação. [...] a maior vergonha não envolve crise ou desgraça. Ela se encontra disponível, às vezes, no teatro interior da imaginação, como uma espécie de vergonha-discrição [...] A vergonha é indicada em diferentes níveis de intensidade e duração pelo uso dos termos embaraço ou constrangimento (fraca e passageira), vergonha, mais forte e mais durável, e humilhação (poderosa e de longa duração). O que esses três termos têm em comum é que eles são sinais de ameaça para o vínculo social”. (Scheff, 2013a, p. 23). Ao integrar os trabalhos de Goffman em seu conceito técnico de vergonha, Scheff permite uma análise do cotidiano de indivíduos situados em redes de interdependência e cumplicidade, com seus segredos e silêncios, seus jogos e códigos de confiança e traição, em consonância com as noções goffmanianas de salvar a face, preservar a fachada, administrar informações sensíveis para uma identidade deteriorada e organizar trajetórias morais em espaços interacionais de intensa negociação do olhar sobre si mesmo e sobre o outro (Barbosa, 2015, p. 138-139).

O debate acerca do estigma de *favelada* e do “não saber gramática” de Carolina de Jesus pesar sobre o status de escritora também foi feito por Perpétua (2016), mas a partir do livro publicado. Perpétua analisou os diários manuscritos e, comparando-os com *Quarto de despejo* (1960), percebeu que uma das grandes vontades da escritora nunca foi atendida: ter seus escritos ficcionais e poéticos reconhecidos, publicados e divulgados. A pesquisadora constata que:

[...] os textos que não se inserem nos planos da edição dos diários tangenciam toda a escrita do cotidiano; e a escrita diária é, de certa forma, movida pelo desejo de Carolina de ver sua obra ficcional e poética – principalmente os poemas – publicada. No entanto, na composição do livro que, como sabemos, imortalizou a autora como porta-voz de uma memória coletiva, seu perfil declinou de uma outra imagem contida nos manuscritos, onde se delineia a complexidade de uma outra personagem, com suas contradições ou o que pudesse, de algum modo, desfavorecê-la aos olhos do público. Entre esses aspectos, figuram as imagens que a escritora constrói de poeta e de poesia (Perpétua, 2016, p. 44).

Apesar de, ainda em vida, Carolina de Jesus ter publicado *Pedaços de fome* (1963) e *Provérbios* (1964), não contou com o apoio do aparato editorial que tivera em *Quarto de despejo* (1960) e *Casa de Alvenaria* (1961), ambos recortes de seus diários, sendo o último



escrito a contragosto da autora, que foi incentivada por Audálio Dantas a focar nos relatos cotidianos e não nas obras ficcionais e poéticas. Então, embora recorrentemente ela tivesse a oportunidade de declamar seus poemas em eventos, ela ganhara destaque, naquele momento, somente pelos seus relatos de miséria e fome.

Sobre tal associação da outridade com a marginalidade, bell hooks (2020) discute como os corpos das mulheres negras foram representados em filmes e em performances artísticas de cantoras, como Tina Turner, com destaque sobre a representação da sexualidade, interessando-se em destacar os significados que essas representações tinham para as pessoas brancas:

Com frequência, a atenção não se concentrava na mulher negra exposta por inteiro no baile elegante no coração da cultura europeia “civilizada”, em Paris. Ela estava lá para entreter os convidados com a imagem nua do Outro. Não era para olharem para ela como um ser humano completo. Era para repararem apenas em determinadas partes. Objetificada de maneira similar às escravas que ficavam de pé nos tablados de leilão enquanto donos e participantes descreviam suas partes importantes, as mais vendáveis, as mulheres negras cujos corpos nus eram expostos para os brancos em eventos sociais não tinham presença. Eram reduzidas a meros espetáculos. Pouco se sabe sobre suas vidas, suas motivações. Partes de seus corpos eram apresentadas como evidências que embasavam ideias racistas de que pessoas negras eram mais próximas dos animais do que os outros seres humanos (hooks, 2020, p. 112).

Assim como a exibição dos corpos nus não significava uma admiração da totalidade do corpo negro, realocando em outra situação, o grande destaque e fama que Carolina de Jesus conseguiu ganhar também foi limitado pelos olhares estigmatizantes da branquitude. Mesmo que ela conseguisse manter recordes de venda, encerrando os quatro últimos meses de 1960 com sua obra de estreia sendo a mais vendida, não houve um aproveitamento da totalidade dos seus escritos enquanto ela estava viva.

Na mesma linha de raciocínio, bell hooks continua relatando que, em determinado momento do século XX, o corpo negro que fora desprezado no século XIX passava a ser desejado através da objetificação, mas em tônicas machistas e racistas. Assim, embora Carolina de Jesus tivesse conseguido logrado expor publicamente as suas ideias e parte dos seus escritos, ao lermos as matérias dos jornais, constatamos que as percepções dos formadores de opinião eram de que os relatos da escritora confirmavam estigmas negativos sobre as pessoas que moravam na favela e sobre aquele contexto urbano em si.

Há uma confirmação dessa visão quando recorremos aos anúncios e reportagens da peça elaborada por Edy Lima com a companhia Teatro da Cidade, que adaptou o texto do diário de Carolina de Jesus para o teatro. Uma matéria, em 17 de abril de 1961, contava sobre o andamento da elaboração da peça, que estava contando com a participação da escritora. Enquanto a favela do Canindé era destruída por enchentes, Carolina acompanhava a direção de Amir Haddad, a atuação de Ruth de Souza e o cenário dos barracos elaborado por Cyro Del Nero. A estreia, no dia 27 do mesmo mês, recebeu casa



cheia e muitos momentos de aplausos. A matéria, publicada no dia seguinte, destacava:

[...] impressionante fidelidade da briga travada entre Lica e Adauto, o qual, recém-saído da prisão, cumpre a sua promessa de atear fogo no barracão de Lica. Aparece o cigano e se oferece para restituir-lhe o quarto. No segundo ato, que retrata as peripécias de prisões de menores e seu recolhimento ao Juizado, Lica, vencida pela fome perde os sentidos. Os dias se passam e a favela encontra, afinal, um momento de festa. Lica ganhou um leitão, vai matá-lo e todos os favelados famintos nutrem a esperança de que lhes sobre um pedaço. Finalmente, a vida da favelada toma outro rumo. Ela parte para o seu novo destino e a favela fica lá para trás, com os mesmos problemas, a mesma miséria e a mesma pobreza (Última Hora, 1961, p. 10).

Imagem 1 – Recorte da matéria citada, com fotos da apresentação e de Carolina Maria de Jesus, respectivamente.



Fonte: Última Hora (1961).

[Descrição da imagem] Há duas fotos, em preto e branco, no recorte. Do lado esquerdo, há uma fotografia da peça representando o livro de Carolina de Jesus. Nessa fotografia, há um cenário representando a favela, e no centro a atriz que representa Carolina escrevendo. Na foto da direita, há a autora Carolina Maria de Jesus assistindo e sorrindo para a peça [Fim da descrição].

A crítica de Nilda Maria faz observações acerca da peça parecidas com as que Ricardo Ramos e Antonio D’Elia fizeram sobre o diário, especialmente ao falar que não havia grandes novidades nas histórias que já haviam sido contadas anteriormente, e que o ambiente tinha sido muito bem representado com “mulheres maldizentes, impudicas, algumas bebidas e malandros desordeiros, fregueses da cachaça ou gatunos”, algo que, para ela, estava presente em todas as favelas (Maria, 1961, p. 10). Dessa forma, os estereótipos estigmatizantes sobre os favelados e a favela estavam cada vez mais reforçados, e, parafraseando Chimamanda Ngozi, “o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (Ngozi, 2019, p. 14). Essa temática sobre a ideia de uma escritora negra

representar todas as mulheres negras, que no caso de Carolina também seriam todas as mulheres faveladas, foi abordada por bell hooks (2020) ao criticar o ensaio de Michelle Cliff (1990):

Ao focar sua atenção, primeiramente, na jornada, ela apresenta paradigmas de leitura e de compreensão das escritoras negras que convidam os leitores (e críticos também) a parar ali, a romantizar a jornada, sem questionar o local onde esse percurso termina. Infelizmente, em grande parte da ficção contemporânea das mulheres negras, a luta da mulher negra pela subjetividade, apesar de forjada numa resistência radical ao status quo (em oposição à opressão racista e, com menos frequência, à de gênero e classe), geralmente assume a forma de mulheres negras ultrapassando limites impostos pelos outros, apenas para aproveitar sua recém-descoberta “liberdade” definindo limites e fronteiras para si mesmas. Portanto, ainda que as mulheres negras possam se tornar “sujeitas”, elas não se tornam sujeitas radicais. Com frequência apenas se conformam com as normas existentes, até mesmo algumas às quais resistiam anteriormente (hooks, 2020, p. 91-92).

Pensando nessa demarcação de representações estigmatizantes, podemos utilizar um termo desenvolvido por Judith Butler ao analisar as guerras contemporâneas em *Quadros de guerra* (2015), de modo que certas percepções acerca de populações em situações precárias de guerra acabam sendo intensificadas na medida em que são representadas somente de uma determinada maneira. Assim, acaba-se selecionando as vidas que são consideradas vidas dignas:

Os “enquadramentos” que atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos [...] não só organizam a experiência visual como também geram ontologias específicas do sujeito. Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos. Essas condições normativas para a produção do sujeito produzem uma ontologia historicamente contingente, de modo que nossa própria capacidade de discernir e nomear o “ser” do sujeito depende de normas que facilitem esse reconhecimento (Butler, 2015, p. 17).

O enquadramento, para Butler, também depende de suas condições de reprodutibilidade, tempo e espaço. Assim, podemos compreender que Carolina Maria de Jesus não se “enquadrava” enquanto escritora, nem tampouco na rede de sociabilidade em que então transitava. Assim como as fotografias de Abu Ghraib e a poesia de Guantánamo, o fato de a autora, enquadrada como favelada, semianalfabeta, ingênua e uma série de outras palavras negativas, ter adquirido esse poder de contar sobre seu cotidiano, já representa um “vazamento” desse enquadramento proposto e esperado para pessoas que possuíam origens semelhantes. Dessa forma, o enquadramento precisaria se reinventar para que, a partir das novas condições impostas pela “fuga do quadro”, ela pudesse ser novamente reconhecida socialmente em regime de normalidade.

As marcações que limitam o horizonte de possibilidades de Carolina Maria de Jesus, seja na não execução de seu próprio projeto literário, seja na seleção de como adaptar sua



obra para o teatro, constituem um novo enquadramento, após estabelecerem as “condições para surpresa, indignação, repulsa, admiração e descoberta, dependendo de como o conteúdo é enquadrado pelas variações de tempo e lugar” (Butler, 2015, p. 26), e atravessadas pelos estigmas de raça, gênero e classe. Se, para Butler, em contexto de guerra, o termo utilizado para humanizar ou desumanizar alguém é o enquadramento, para Collins (2019), que se dedicou em compreender como a condição das pessoas negras, em especial as mulheres, reconhece-se o reforço de imagens de controle através dos estereótipos estigmatizantes criados acerca delas.

Inspirando-se em bell hooks, Collins classifica que esse processo de controlar a forma como as mulheres negras são vistas passa, primeiramente, pela objetificação: a operação de separar quem é sujeito e quem é objeto. Assim, Collins elabora que o sujeito é aquele que pode se definir, enquanto o objeto é aquele que é definido pelo sujeito (Collins, 2019). A partir disso, é constituída a diferença do Outro, que a pesquisadora entende ser o local destinado às mulheres negras através de mecanismos ideológicos de opressão. Assim, a desumanização das mulheres negras se justifica na

[...] natureza supostamente emocional e passional das mulheres é há muito utilizada para justificar sua exploração sexual. Da mesma forma, limitar o acesso das mulheres negras à educação, e depois, alegar que nos faltam fatos para julgar corretamente nos relega à parte inferior do binarismo fato/opinião. Negar a humanidade plena das mulheres negras, tratando-nos como o Outro objetificado em múltiplos binarismo, demonstra que o pensamento binário, a diferença formada por oposições e a objetificação exercem nas opressões interseccionais (Collins, 2019, p. 139).

A construção desse tipo de imagem confronta o argumento de Morin (2014) acerca das construções de imagem ao longo da história: o ser humano busca representar a realidade ao seu redor, como evidenciam as mitologias. Assim, os seres humanos representam a realidade através da criação de um duplo, aquele que é semelhante, mas ao mesmo tempo distinto. Esse pensamento é negado quando se trata do debate acerca da “outridade”, que tanto bell hooks quanto Collins discutem. Na duplicidade de Morin, a diferença é utilizada para buscar semelhanças. Ao discutir sobre objetificação e outridade, a diferença é negada ou rebaixada à condição de semelhança de humanidade. Dessa forma, entendemos que hooks e Collins melhor compreendem a construção da imagem pública de Carolina de Jesus pela mídia.

Apropriações de estigmas e usos políticos da autora-personagem

Apesar de considerarmos que o jornal tenha ajudado a perpetuar alguns estereótipos estigmatizantes, é necessário entender que, levando em consideração o objetivo editorial do periódico, é possível compreendê-lo como um ambiente complexo e que reproduz uma ideologia da branquitude dominante, mas que também pode ser utilizado para questionar essa posição e adquirir um novo significado. Collins também faz esse apontamento no seu estudo ao falar sobre as instituições sociais majoritariamente negras: “[...] As organizações



comunitárias negras podem se opor à opressão racial e ainda assim perpetuar a opressão de gênero; podem desafiar a exploração de classe e ao mesmo tempo promover o heterossexismo” (Collins, 2019, p. 162). Assim, um jornal que se colocava como favorável às causas populares, poderia também, no meio do processo, reproduzir ideias reacionárias e contraditórias. O outro lado dessa complexidade é o que podemos perceber com a paulatina mudança que a imagem da autora passou a adquirir com o passar dos anos e o aumento dos acirramentos políticos e sociais do Brasil.

No mesmo ano em que Carolina de Jesus fora continuamente enquadrada no estigma da ingênua, semianalfabeta e favelada, os seus escritos passaram a ser utilizados para analisar e justificar posições políticas. Tanto que, além da coluna de Literatura, foi constante a presença de referências à autora e sua obra no primeiro caderno, na parte da política. Nesse sentido, Wilson Rahal, na sua coluna “Denúncia”, utilizou trechos de *Quarto de despejo* (1960) para justificar a impossibilidade de Jânio Quadros ganhar a corrida presidencial, exemplificando a ineficiência do serviço de assistência social de São Paulo durante a sua administração em 1957 (Rahal, 1960).

Na coluna “Revista dos jornais”, escrita pelo mossoroense Dorian Jorge Freire, por seu turno, outros periódicos são visitados pelo jornalista, sendo alvos de seus comentários em suas matérias. Em 28 de novembro de 1960, ele critica o Estadão por reclamar do fato de que, durante a visita de alguns governantes estadunidenses ao Brasil, os organizadores só mostraram “[...] os monumentos arquitetônicos de Brasília, a grandeza do parque industrial de São Paulo, as maravilhas da Guanabara [...]” (Freire, 1960, p. 4), mas não haviam mostrado as misérias dos favelados descritas por Carolina de Jesus. O colunista, no entanto, questiona a necessidade de mostrar isso, já que “o responsável pelo assassinio de Chessman³” (Freire, 1960, p. 4) nada poderia fazer pelo Brasil. Apesar da negativa, é perceptível que os escritos da autora passaram a ser adotados de forma recorrente como formas de denunciar as contradições dos “Anos Dourados” no país.

A própria Carolina de Jesus também se apropriou dessa fachada pública de delatora da realidade social. Em dezembro do mesmo ano, ela passou alguns dias em Recife-PE e, ao retornar, contou ao jornal que iria morar cerca de seis meses no Nordeste para depois escrever um livro contando as histórias da região. Acerca dos nordestinos, ela conta que “o povo é muito triste [...] e dá a impressão de que está descontente com a vida. Em Recife, o sorriso das pessoas é como o da Gioconda, isto é, um sorriso sem dentes, que revela seu sofrimento” (Carolina: “vou escrever...”, 1960, p. 5), e faz uma analogia parecida com a utilizada em seu livro entre o centro da cidade e a favela (sala de visita e quarto de despejo, respectivamente), ao colocar os nordestinos enquanto filhos adotivos do Brasil, sendo os paulistas e cariocas os filhos legítimos.

Outro exemplo dessa apropriação estigmatizante aconteceu no período em que

³ Caryl Chessman (1921-1960) foi acusado, com provas circunstanciais, de cometer uma série de crimes (como roubo, sequestro e estupro) no final da década de 1940, sendo apelidado de “Bandido da Luz Vermelha”. Com mais de uma década de julgamentos, Chessman foi condenado a pena de morte por câmara de gás.

estava chovendo muito em São Paulo e algumas favelas, inclusive a do Canindé, ficaram inundadas e destruídas. O antigo barraco da escritora havia se perdido. Ela foi chamada pelo jornal para fazer uma reportagem sobre o caso, intitulada de “Pobre na favela virou anfíbio”, onde ela conta que o problema do alagamento não era recente e permanecia sem solução por parte dos governantes (Jesus, 1960, p. 10).

Imagem 2 – Carolina Maria de Jesus em uma canoa na favela alagada do Canindé



Fonte: Última Hora (1960).

[Descrição da imagem] Na imagem, há o ambiente da favela do Canindé, alagada, com a presença de barracos. No centro da imagem, está uma canoa com três pessoas, se deslocando pelo local. Uma dessas pessoas é Carolina Maria de Jesus, utilizando um lenço na cabeça e remando, ao seu lado está uma criança, e atrás dela há um homem, que também está ajudando a remar [Fim da descrição].

Uma semana após a reportagem, saiu uma pequena nota na coluna “Por trás da cortina” que relatava o interesse de alguns possíveis candidatos à prefeitura de São Paulo de chamar a escritora para vice, e o colunista aprovava a decisão, já que ela conhecia os aspectos ruins de morar na cidade e poderia ser uma grande contribuição para qualquer prefeito (Última Hora, 1960, p. 3).

Pouco a pouco, ao passo que se construía uma imagem com carga negativa acerca das origens e limitações de Carolina Maria de Jesus, também se criava uma imagem de autoridade quando se tratava da situação das camadas mais populares, o que lhe legou uma grande presença em assuntos políticos no jornal, como os dispostos acima. A “concretização” da ampla influência que ela causava veio com o grande júri feito com diversos setores e personalidades do país para eleger o “Homem do Ano”. Apesar do título, Maria Ester Bueno (consagrada tenista brasileira que havia conquistado nove títulos em 1960) e Carolina Maria de Jesus compunham a lista, respectivamente, com um e oito votos. Carolina de Jesus ficou à frente de nomes como Adhemar de Barros, Oscar Niemeyer,

Cesar Lattes, Tancredo Neves, Teixeira Lott, e de seu editor, Audálio Dantas, que recebeu um único voto, dado pela escritora.

Dessa forma, nos anos seguintes, a presença da autora ou da sua obra em matérias ou reportagens de cunho social, e, então, livres das alcunhas já amplamente relatadas anteriormente, tornou-se mais frequente: ela se tornou inspiração para que outras pessoas de camadas populares também buscassem se destacar como escritoras, como foi o caso de Maria do Rosário M. Serafim (Germano, 1961). No mesmo ano, Carolina ajudou outros escritores a ganharem destaques no meio literário, como aconteceu com Osório Alves de Castro e seu livro *Porto Calendário* (Ramos, 1961).

O maior destaque, no entanto, pode ser dado ao tom político que o jornal dava para a própria autora: entre eventos e entregas do livro para governantes, o *Última Hora* fez questão de utilizar a popularidade de Carolina para favorecer sua visão política. Por exemplo, no início de 1962, Alexei Adjubei, genro de Nikita Khrushchov (Primeiro-Secretário do Partido Comunista da União Soviética), veio ao país para escrever uma série de reportagens sobre São Paulo em seu editorial *Izvestia*, além de buscar meios de aproximar a relação entre os países. No contexto dessa visita, o jornal promoveu o encontro de Carolina e Alexei, momento em que a escritora entregou “uma garrafa de cachaça, um exemplar de seu livro, três discos e uma carta, esta ao governo soviético, pedindo proteção para Cuba e Fidel Castro” (Adjubei em..., 1962, p. 6). Nesse período, já havia a discussão sobre a reforma agrária, que fora também apoiada por Carolina de Jesus.

Imagem 3 – Carolina Maria de Jesus e Alexei Adjubei



Fonte: *Última Hora* (1961).

[Descrição da imagem] Fotografia retirada do jornal *Última Hora* em que está presente, à esquerda do leitor, Alexei Ajubei sorrindo, e ao seu lado está a escritora Carolina Maria de Jesus,

também sorrindo com o rosto virado para Adjubei, e com adereços no pescoço e orelha [Fim da descrição].

O maior episódio político que foi difundido utilizando a imagem pública da autora, no entanto, ocorreu somente no ano seguinte. No início de 1963, Carlos Lacerda, governador do recém-fundado estado de Guanabara (atual cidade do Rio de Janeiro), havia autorizado o extermínio e a ocultação de cadáveres de pessoas em situação de rua. Em matéria de 29 de janeiro, o *Última Hora* divulgou o escândalo e trouxe Carolina de Jesus para falar sobre a violência do Estado com as pessoas pobres. Na declaração, a escritora comparou o método utilizado por Lacerda com os métodos da SS de Hitler. Carlos Lacerda foi um opositor declarado de Vargas há anos, sendo o principal articulador da oposição entre 1953 e 1954, que ocasionou no suicídio do ex-presidente. Além disso, como já citado, Samuel Wainer, dono do jornal *Última Hora*, era um grande apoiador do ex-presidente. Então, nessa ocasião, além do grande absurdo cometido, eles se aproveitaram da situação e da popularidade e “autoridade” no assunto que Carolina de Jesus havia construído e adquirido nos últimos anos para engajar na campanha de difamação contra Lacerda.

Após o ocorrido em janeiro, a vinculação do governador à alcunha de “mata-mendigos” foi incentivada pelo jornal, e o ápice ocorreu em março, quando Carolina de Jesus teve um curto encontro com Lacerda na casa do deputado udenista Abreu Sodré. O governador estava em uma série de viagens por São Paulo, Paraná e Santa Catarina para se esclarecer quanto ao escândalo e, em sua parada em São Paulo, houve uma grande discussão com a autora. Ao encontrá-lo na casa do deputado, Carolina de Jesus logo o questionou acerca da morte dos mendigos, e o governador “explodiu”, querendo expulsá-la da casa, chamando-a de louca e vigarista, questionando, inclusive, a autenticidade de seu livro (*Tumulto na...*, 1963, p. 1; *CL busca...*, 1963, p. 4). Dois dias depois, em meio às várias matérias contando sobre a crise na UDN pelo país, e na visita de Lacerda a Curitiba, Carolina de Jesus descreveu com maiores detalhes sobre o evento. Ela destacou que o governador insinuou também que ela estava sendo paga por um jornal (o *Última Hora*) para fazer aquilo, além de chamá-la de “produto de tática comunista” (Carolina: “Lacerda...”, 1963, p. 6).

Um último exemplo da utilização da figura pública da escritora ocorreu em março de 1964, às vésperas do golpe militar. A aproximação de Carolina de Jesus com as pautas defendidas por setores mais radicais do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e algumas entidades ligadas à esquerda já vinha sendo percebida; o próprio Leonel Brizola apadrinhou o lançamento de *Casa de alvenaria* (1961), e o livro *Pedaços de fome* (1963) contava com elogios dele, de Jorge Amado e até de uma jornalista ligada ao *Sosial Demokraatti* da Finlândia.

Em março, a situação política do país estava cada vez mais polarizada. Desde quando João Goulart pôde exercer os poderes da presidência no ano anterior, ele vinha encabeçando a campanha das reformas de base. Após o Comício da Central, no dia 13 de



março, as agitações golpistas tomaram as ruas com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, iniciadas seis dias após o comício.

Nesse momento, o *Última Hora*, um dos poucos jornais que apoiava abertamente o governo de Goulart e as reformas de base, convoca novamente Carolina Maria de Jesus para defender também as reformas de base, as quais ela classifica como uma “nova abolição”, e relata que onde ela morava (Parelheiros), todas as pessoas apoiavam as medidas do presidente (Carolina diz que..., 1964, p. 2). Assim, é possível constatar que, de forma intencional ou não, a imagem pública da escritora, construída por vários meios, adquiriu um sentido midiático de denúncia e de representação da realidade brasileira das pessoas mais pobres. Tendo ajudado a criar esse imaginário, o jornal utilizado, que possuía um viés político bem demarcado, acabou ligando-a às pautas sociais defendidas por seu corpo editorial. Paralelamente a isso, a autora também participou dessa elaboração ao assumir esse papel, utilizando-se dos espaços de fala para tratar de sua literatura, mas também para expor sua filiação política e sua interpretação sobre o Brasil de seu tempo presente.

Considerações finais

Os estudos sobre Carolina Maria de Jesus têm reacendido nas últimas décadas, e há ainda muito material para ser analisado. O estudo sobre a forma como as mídias colaboraram para construir o perfil da autora durante seu auge e declínio é importante para que construamos um panorama mais amplo sobre como os veículos de informação influenciam nas ações e pensamentos de uma época. A análise elaborada a partir das edições do jornal *Última Hora*, nesse sentido, serve para entendermos como um periódico, que se colocava politicamente ao lado das camadas populares, também ajudou a perpetuar estereótipos e estigmas sobre essas pessoas, enquanto contribuía para a ascensão social de Carolina Maria de Jesus. Ao mesmo tempo, não podemos colocá-la nesse local de mera “passividade” na construção de sua fachada pública, pois ela também utilizou dos mesmos meios para elaborar o lugar social que ela também quis ocupar.

Esse processo de construção, desconstrução e reconstrução de imagem (ou de enquadramento, nos termos de Butler) é um exemplo prático da dinamicidade que há na construção dos sujeitos nos palcos simbólico-interacionais midiáticos. O caso de Carolina é emblemático porque podemos perceber inúmeras rupturas nos padrões de aceitação que uma mulher negra e periférica na década de 1960 poderia conseguir no Brasil.

Paralelo a isso, com efeito, é essencial destacar que o recorte dessa pesquisa é pequeno em comparação à disponibilidade de materiais que podemos analisar e confrontar com as percepções vistas. No próprio recurso de pesquisa das fontes, há outras dezenas de jornais e revistas que possuem citações à autora e que podem ter visões, usos e críticas diferentes das aqui expostas; devido ao amplo trabalho que poderia ser desenvolvido, não cabe a um artigo englobar todos eles. Embora seja um pequeno recorte do período e de uma personagem pública, a expectativa é que os apontamentos aqui levantados possam



servir de base para o desenvolvimento de outras pesquisas que contribuam para o enriquecimento do debate acerca da obra de Carolina Maria de Jesus, da mídia brasileira e do próprio Brasil entre os anos de 1950 e 1970.

Referências

ADJUBEI em São Paulo: ganhou cachaça e beijo de Carolina! **Última Hora**, Curitiba, ano I, n. 215, p. 6, 10 fev. 1961, Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/13065>. Acesso em: 8 ago. 2025.

ALGUNS dos muitos candidatos. **Última Hora**, São Paulo, de 30 dezembro de 1960, ano XI. Por trás da cortina. nº 2684. p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/8723>. Acesso em: 4 ago. 2025.

ARAPUÃ. É FÁCIL explicar o êxito. **Última Hora**, São Paulo, ano IX, n. 2575, 25 ago. 1960, Ora, bolas, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/6731>. Acesso em: 8 ago. 2025.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Catálogo do Arquivo Fotográfico do Jornal Última Hora. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2016. Disponível em: <http://icaatom.arquivoestado.sp.gov.br/ica-atom/index.php/jornal-ultima-hora-2;isad>. Acesso em: 9 ago. 2025.

BARBOSA, Raoni Borges. **Medos corriqueiros e vergonha cotidiana**: Uma análise compreensiva do bairro do Varjão/Rangel, João Pessoa – PB. 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

BUTLER, Judith. Introdução: vida precária, vida passível de luto. In: BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: Quando a vida é passível de luto? Trad. de Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 13-55.

CAROLINA diz que reformas vêm aí como nova abolição. **Última Hora**, Curitiba, ano III, n. 870, p. 2, 27 mar. 1964. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/830348/19447>. Acesso em: 9 ago. 2025.

CAROLINA: “Lacerda é uma tragédia para o Brasil”. **Última Hora**, Curitiba, ano II, n. 548, p. 6, 11 mar. 1963. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/16387>. Acesso em: 5 ago. 2025.

CAROLINA: “vou escrever livro sobre a miséria do Nordeste!”. **Última Hora**, São Paulo, 22 de dezembro de 1960, ano IX, n. 2677, p. 5, 22 dez. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/8595>. Acesso em: 4 ago. 2025.

CL busca desesperadamente anular repercussão da matança de mendigos. **Última Hora**, Curitiba, ano II, n. 547, p. 4, 9 mar. 1963. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/830348/16375>. Acesso em: 6 ago. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.



DRAMA da favela no palco: “Quarto de despejo” estreou. **Última Hora**, São Paulo, ano X, n. 2785, p. 10, 28 abr. 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/10439>. Acesso em: 7 ago. 2025.

ESCRITORES Boicotam Mas Carolina (favelada) Autografou 600 livros! **Última Hora**, São Paulo, ano IX, n. 2571, p. 8, 20 ago. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/6666>. Acesso em: 7 ago. 2025.

FREIRE, Dorian Jorge. Ver pra quê? **Última Hora**, São Paulo, ano IX, n. 2656, 28 nov. 1960, Revista dos jornais, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/8172>. Acesso em: 6 ago. 2025.

GERMANO, Alexandre. Maria repete Carolina: doméstica escritora quer publicar livro. **Última Hora**, São Paulo, ano X, n. 2794, p. 10, 9 maio 1961. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/10619>. Acesso em: 6 ago. 2025.

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**: Notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Trad. de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2010.

HOOKS, bell. Mulheres negras revolucionárias: nos transformamos em sujeitas. *In*: HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Trad. de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020. p. 83-132.

JESUS, Carolina Maria de. Pobre na favela virou anfíbio. **Última Hora**, São Paulo, ano IX, n. 2678, p. 10, 23 dez. 1960. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/8620>. Acesso em: 6 ago. 2025.

LEMO, Renato. **WAINER, Samuel**. CPDOC - Centro De Pesquisa E Documentação De História Contemporânea Do Brasil, 2009. Disponível em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/wainer-samuel>. Acesso em: 9 ago. 2025.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MARIA, Nilda. “Quarto de despejo”. **Última Hora**, São Paulo, ano X, n. 2792, 6 maio 1961, UH no Teatro, p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/10573>. Acesso em: 7 ago. 2025.

MIRANDA, Fernanda. Dicção e devir em Carolina Maria de Jesus, 2020. *In*: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020, p. 245-252.

MORAVIA, Alberto. O diário de Carolina, 1962. *In*: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020, p. 181-185.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**: ensaios de antropologia sociológica. Trad. de Luciano Loprete. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

NGOZI, Chimamanda Adichie. **O perigo de uma história única**. Trad. de Julia de Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



PERPÉTUA, Elzira Divina. A proposta estética em Quarto de Despejo, de Carolina de Jesus, 2014. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020, p. 233-243.

PERPÉTUA, Elzira Divina. Carolina de Jesus: Pensamento Poético, Linguagem Clássica e Ideal de Vida. In: ARRUDA, Aline Avles; BARROCA, Iara Christina Silva; TOLENTINO, Luana; MARRECO, Maria Inês (org.). **Memorialismo e Resistência**: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 43-57.

RAHAL, Wilson. Mais subsídios para explicar porque Jânio vai perder. **Última Hora**, São Paulo, ano IX, n. 2597, 20 set. 1960, Denúncia, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/7134>. Acesso em: 6 ago. 2025.

RAMOS, Ricardo. “Quarto de despejo”. **Última Hora**, São Paulo, ano IX, n. 2601, 24 set. 1960, Literatura, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/7222>. Acesso em: 4 ago. 2025.

RAMOS, Ricardo. A “DESCOBERTA” de Carolina Maria. **Última Hora**, Curitiba, ano I, n. 39, 15 jul. 1961, Literatura, Mosaico, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/11331>. Acesso em: 6 ago. 2025.

RAMOS, Ricardo. DE ANTONIO D’Elia, este fragmento de crônica. **Última Hora**, São Paulo, ano IX, n. 2667, 10 dez. 1960, Literatura, Recortes, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/8383>. Acesso em: 5 ago. 2025.

SQUEFF, Egidio. Uma escritora desce da favela. **Última Hora**, São Paulo, ano IX, n. 2482, 9 maior 1960, 2º caderno, Dias & Noites, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/5116>. Acesso em: 5 ago. 2025.

TUMULTO na coletiva. **Última Hora**, Curitiba, ano II, n. 547, p. 1, 8 mar. 1963. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/830348/16372>. Acesso em: 5 ago. 2025.

VOGT, Carlos. Trabalho, pobreza e trabalho intelectual (o Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus), 1983. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020, p. 191-199.

NOTAS DE AUTORIA

Jackson Luiz Fernandes Adelino (jackson20251004841@alu.uern.br) é licenciado em História. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Raoni Borges Barbosa (raoniborgesbarbosa@gmail.com) é graduado em Ciências Sociais. Licenciado em Sociologia e História. Mestre e Doutor em Antropologia. Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Ambiente, Tecnologia e Sociedade – PPGATS da Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

ADELINO, Jackson Luiz Fernandes; BARBOSA, Raoni Borges. Construção, apropriação e usos da imagem de Carolina Maria de Jesus a partir do jornal Última Hora (1960-1964). *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 31, p. 01-20, 2026.



Contribuição de autoria

Jackson Luiz Fernandes Adelino: concepção, coleta de dados e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Raoni Borges Barbosa: análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 25/09/2025

Revisões requeridas em: 04/06/2026

Aprovado em: 18/08/2026

Publicado em: 04/09/2026

